

## O PROBLEMA DA REIFICAÇÃO NA CIÊNCIA: sobre o processo de entendimento subjetivo da ciência fora de sua sócio-historicidade

**Palavras-Chave: Reificação; Teoria do Conhecimento; György Lukács**

**Autores(as):**

**Arthur Sardilli Alonso, IFCH - Unicamp**

**Prof. Dr. Rafael Rodrigues Garcia (orientador), IFCH - Unicamp**

---

### INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa tem como objetivo investigar dois pontos centrais: 1) o modo de definição do conceito reificação (*Verdinglichung*, do alemão) historicamente, através do modo como diferentes autores identificaram o conceito na realidade, para sua elaboração como problema de cunho filosófico; 2) como que esse problema filosófico se transfigura como um problema de cerne científico. Sobre o seu modo de definição, que será historicamente localizado em cada autor, há uma constante mudança na utilização do conceito, porém que encontra em *História e Consciência de Classe*, escrito pelo autor György Lukács em 1923, uma base geral comum que influenciará grande parte dos autores posteriores e suas demais afinidades com o conceito. O conceito, por outro lado, encontra sua origem de utilização mais comum a partir de *O Capital* de Marx, que é retomado por Lukács em sua obra posterior, citando o primeiro volume do livro de Marx, “o misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos de trabalho” (Marx, 1996, p. 198). Para Lukács, o fenômeno da reificação estaria descrito já a partir desse momento na obra marxiana, aparecendo como esse reflexo, das características sociais do produto do trabalho serem vistas pelo sujeito como características objetivas - ou até mesmo naturais do próprio produto -, que descreve o modo como a reificação opera enquanto fenômeno. Lukács traz também a reificação como um fenômeno que faz surgir uma “servidão da ‘segunda natureza’” (Lukács, 2016, p. 198).

Na obra marxiana, o conceito de reificação também é abordado a partir de outras perspectivas, em especial no terceiro livro de *O Capital*, em que o processo de reificação das relações sociais é justaposto a outros processos da fase em que se consuma a trindade *capital-lucro* (qual Marx concebe a partir de três fenômenos correlacionados, “capital-juros, terra-renda fundiária, trabalho-salário” (Marx, 2017, p. 879)): “a mistificação do modo de produção capitalista” e “o amálgama imediato das relações materiais de produção com sua determinação histórico-social” (Marx, 2017, p. 892), processos estes que se dariam como consequência daquela fase trinitária. A reificação, de todo modo, aparece não como um processo desvinculado a cada um desses momentos, mas como uma consequência vinculada e inter-relacionada com esses outros processos, que apresentam como afinidade esse problema de cognição, em que se perde de vista o modo das relações materiais a partir de sua mistificação, na medida

---

<sup>1</sup> Lukács, outrora, compreende esta expressão “segunda natureza”, em termos mais superficiais, como uma consequência de uma realidade criada, em citação, diz: “erguem em torno de si, nessa realidade criada por eles mesmos, “produzida por eles mesmos”, uma espécie de segunda natureza” (p. xx, 2016) em alusão ao modo como a filosofia de tendência kantiana lidaria com a relação do sujeito com o externo.

que a determinação histórica e social se juntam a própria base material, isto é, traz à tona a “subjetivação das bases materiais de produção” (Marx, 2017, p. 942) e, em outras palavras, as condições de objetividade se tornam aquelas mediadas pela determinada forma histórica em que o meio social identifica aquelas bases materiais.

Para Lukács, em seu argumento historicamente posterior, esse problema identificado por Marx produz semelhante problema na filosofia, ou mais especificamente, em como a “filosofia crítica moderna nasceu da estrutura reificada da consciência” (Lukács, 2016, p. 240) em alusão ao projeto kantiano de filosofia de sua crítica - em especial a *Crítica da razão pura*<sup>2</sup>. A partir daqui surge o vínculo da ciência e o problema da reificação, na medida que a estrutura do que surge a partir da consciência reificada será a estrutura da representação na ciência moderna. Para o autor húngaro, a conceitualização do que é científico que surgirá a partir daqui estará intimamente ligada a esse modo de operação da consciência reificada, em que os “métodos da matemática, da geometria, da construção, da criação do objeto a partir de condições formais de uma objetividade em geral e, depois, os métodos da física matemática, tornam-se, assim, os guias e as medidas da filosofia, do conhecimento do mundo como totalidade” (Lukács, 2016, p. 242). A preocupação que se torna central para a ciência não se torna mais de cunho do entendimento daquele ser a ser conhecido, mas antes de tudo na centralidade do método, isto é, da forma de acesso àquele ser. A partir dessa centralidade metodológica, o que de fato se torna central a partir da filosofia kantiana, é o modo então de construção do objeto a partir do modo como o sujeito é capaz de representar esse objeto específico a ser conhecido<sup>3</sup>. Desse modo, com essa centralização tornada ao método e da constante capacidade de construção e acesso a esse objeto, a partir da capacidade de sua representação, diz Lukács:

...quanto mais uma ciência moderna for desenvolvida, quanto mais ela alcançar uma visão metódica e clara de si mesma, tanto mais voltará as costas aos problemas ontológicos de sua esfera e os eliminará resolutamente do domínio de conceitualização que forjou. (Lukács, 2016, p. 229)

O problema colocado por esse surgimento da ciência moderna a partir da filosofia crítica moderna, e por sua vez da consciência reificada, é a perda então de uma compreensão do ser de ordem ontológica e não apenas do modo de sua representação, a partir dos específicos métodos que são desenvolvidos pela ciência moderna e seus vários modos de especialização que se seguem. O problema da perda de uma ontologia, uma preocupação quanto ao ser do que se quer conhecer, é uma virada apenas aos modos conceituais e de representação daquele ser. Perde-se o ser, de fato, daquilo que se quer conhecer.

## METODOLOGIA

Por se tratar de uma pesquisa de cunho teórico, a metodologia utilizada fora a leitura e investigação do conceito-problema levantado (o problema da reificação), a partir do enfoque central na

---

<sup>2</sup> Para o autor, esse problema toma seu auge em relação a filosofia crítica moderna, mas aparece como um problema geral da filosofia moderna, em que se coloca como problema central: “não mais aceitar o mundo como algo que surgiu independentemente do sujeito cognoscitivo (por exemplo, algo criado por Deus), mas concebê-lo, antes, como o próprio produto do sujeito” (Lukács, 2016, p. 241)

<sup>3</sup> A centralidade da crítica de Lukács à CRP fica mais evidente aqui, em especial ao segundo prefácio da obra de Kant, pelo modo de conhecimento sobre um objeto torna-se a seguinte medida: “o objeto (enquanto objeto dos sentidos) se guiar pela natureza da nossa faculdade de intuição, posso perfeitamente representar essa possibilidade [de conhecer algo *a priori*]” (Kant, 2001, p. 46). Conhecimento, e por isso, conhecer algo *a priori*, torna-se uma questão de representação, guiada pela faculdade de intuição. Aqui reside a centralidade do conceito “representação” para a filosofia kantiana, ou aquela construção do objeto, para a crítica de Lukács.

obra *História e Consciência de Classe*, comparando seu argumento e tese com outras obras historicamente posteriores - de debate e problema semelhantes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da bibliografia levantada e selecionada, segue-se nesta seção o desenvolvimento dos pontos 1 e 2 levantados na introdução, a partir do modo como o conceito de reificação perpassa por diferentes modos no debate do século vinte, que partem como medida comum da descrição de fenômeno por Lukács e de Marx, por consequência. Deste modo, um dos problemas investigados quanto à conceitualização de reificação, foi aquele que no século vinte encontrou uma disputa entre se (a) o conceito de reificação seria um problema histórico determinado por condições históricas e econômicas específicas, ou (b) se o problema da reificação seria um problema geral, com qualidades distintas em cada momento histórico específico. Esse problema mesmo é levantado pelo próprio autor em seu segundo prefácio para a obra *História e Consciência de Classe*, escrito mais de quatro décadas depois da publicação original da obra, em 1967. Segundo o autor, sua obra de juventude assume o processo de reificação como um sinônimo de objetificação e, com isso, o conceito de reificação se tornaria uma “uma forma humana universal de intercâmbio dos homens entre si” (2018, p. 27), o que de fato é um papel da objetificação: “um modo de exteriorização insuperável na vida social dos homens” (2018, p. 27).

Outros autores pareceram já concordar com essa conclusão, mesmo antes da eventual publicação do segundo prefácio, como fora o caso de Lucien Goldmann, contemporâneo de Lukács, assemelha o problema da reificação como quase um sinônimo de *fetichismo da mercadoria*, “a análise marxista do valor, estreitamente ligada ao que Marx chama de fetichismo da mercadoria e que Lukács designa sobre a palavra reificação” (Goldmann, 1967, p. 109). Ao mesmo passo, como um problema fortemente correlato a mercadoria, o autor também compreenderá a reificação como um problema sócio-histórico determinado do capitalismo. Essa tradição interpretativa de Goldmann terá grande repercussão nos debates brasileiros sobre reificação, como no texto de 1981, *Capitalismo e Reificação* de José Paulo Netto, o mesmo modo interpretativo reaparece. O autor brasileiro levanta a tese de como a reificação terá como papel a “manutenção funcional do capitalismo tardio”, isto é, “a reificação, fenômeno sócio-cultural específico do capitalismo tardio, que engendra a resistência histórica deste sistema cuja falência global a crítica teórica vem anunciando há muito” (Netto, 1981, p. 16). Aqui, de maneira mais explícita, o problema da reificação aparece como um problema específico da sociedade capitalista.

Neste sentido, a presente pesquisa reconheceu a problemática polissêmica quanto ao conceito (enquanto *Verdinglichung*), por até mesmo se tratar de uma construção linguística alemã “comum”, mas que na presente pesquisa deve ser compreendida sendo referida a um problema: o processo de se tornar coisa e o problema da “segunda natureza”, levantado outrora. Deste modo, o conceito reificação de fato encontra problemas quanto a seu sentido, o que como bem apontado no ponto 1) da introdução, por isso deve ser bem denotado quanto qual a descrição de fato do problema, o que é o problema mesmo; além disso, entender a razão do conceito perdurar enquanto problema, mesmo após a retratação de Lukács, por outros autores.

Sob outro contexto, Adorno em *Três estudos sobre Hegel*, escritos entre 1956 e 1963, definiu a reificação de modo mais direto, relacionando-a diretamente com o problema da ciência, em que:

O que motiva o conceito de reificação de Hegel é a ideia de que a ciência está menos preocupada com a vida das coisas do que com a compatibilidade delas com suas próprias regras: aquilo que

age como se fosse uma verdade irrepreensível e irreduzível é, em si mesma, um produto de processo preliminar, algo secundário e derivado. (Adorno, 1993, p. 73, tradução nossa)

Deste modo, o argumento de Adorno traz novamente uma afinidade com o argumento lukacsiano, na medida que faz ressurgir aquele problema quanto ao problema de se tornar novamente as próprias representações da ciência ao invés do ser da ciência. Para o autor, em elaboração posterior, essa noção de reificação ainda confirma mais uma vez que “a própria objetividade da ciência é meramente subjetiva” (Adorno, 1993, p. 73), em argumento semelhante ao de Lukács em 1923. Outro autor, também vinculado a Teoria Crítica, traz a conceituação de reificação, em sua obra *Reificação* de 2007, trazendo uma luz mais contemporânea sobre a utilização do conceito, a partir de sua própria teoria do reconhecimento. Nesta obra, o autor descreve o processo de reificação de maneira que o processo “esquecer nossos reconhecimentos antecessores” (Honneth, 2007, p. 58) torna-se o núcleo de toda forma de reificação. Deste modo, “significa que no curso de nossos atos de conhecimento [cognition], nós perdemos nossa atenção ao fato que esse conhecimento deve sua existência a um ato anterior de reconhecimento” (2007, p. 59), em outros termos, a reificação seria a perda da noção de um passado, um processo dinâmico e histórico que faz com que dados conhecimentos sejam produto de atos anteriores.

Mesmo Lukács, em *Para ontologia do ser social*, torna novamente em sua investigação o problema da reificação, trazendo o mesmo parágrafo citado em *História e Consciência de Classe* da obra marxiana como definição para a reificação (Lukács, 2013, p. 665). Mantém-se então aquele mesmo modo de naturalização do social referente aos produtos do trabalho, como fora definido por Marx em *O Capital*. Nesta obra posterior de Lukács, o problema da reificação parte do seguinte ponto:

O seu ponto de partida "natural" na ontologia espontânea da vida cotidiana é constituído pelo fato de que grande parte dos dados concretos da natureza se encontra de modo imediato na forma fenomênica de coisas. O fato de que cada coisa só adquiriu a sua coisidade mediante um processo de devir só pode ser o resultado do pensamento de um conhecimento científico já desenvolvido. (Lukács, 2013, p. 550)

Assim, o problema da reificação aparece no sentido de que uma coisa torna-se *coisa* na medida de um devir, de um processo anterior, de uma mudança. Ser uma coisa é, por isso, abandonar esse caráter de processo, perder seu devir, isto é, o seu caráter de ser mutável. Porém, para adquirir essa forma fenomênica de coisa, imutável (dada ao sujeito do fenômeno como natural), ainda parte de outros dados concretos da dita natureza. O problema se aprofunda na medida em que esses outros dados, por sua vez, encontram-se nesse mesmo sentido enquanto coisas, também imutáveis, mas que partem por sua vez de conhecimentos já desenvolvidos por processos anteriores. Nesta medida, o problema da reificação se torna um “não compreender as "coisas" como surgidas geneticamente, mas como necessariamente "prontas e acabadas"; quando se pergunta pelo seu surgimento, geralmente se aponta para um "criador" transcendente” (Lukács, 2013, p. 550), isto é, retira-se do desenvolvimento processual ao se tornar coisa: reificação torna-se o processo de se tornar coisa destituída de história e passado, perdendo sua capacidade dinâmica: os seres perdem sua característica histórica e dialética.

## CONCLUSÃO

A tese elaborada pela presente pesquisa até o atual momento, lidando com os pontos 1 e 2 colocados na introdução, e a partir da análise comparada do modo de utilização do conceito-problema especificado e suas descrições para cada autor, é uma definição mais geral de reificação que aparece como a perda das características sociais de um dado ser, que por sua vez aparecem como características

naturais do próprio ser. Em outros termos, que dialogam com esses primeiros, a reificação é a perda do sentido processual do ser, na medida que este se torna *coisa* - coisa no sentido de sua imutabilidade e perda da necessidade de processo anterior. Ainda há a possibilidade de uma perspectiva de elo entre a obra de Lukács de 1923 e sua obra em 1971, o processo daquele se tornar natural (ou aparecer como natural) em *História e Consciência de Classe*, nessa medida, é considerado o mesmo processo deste se tornar em coisa de 1971 em *Para ontologia do ser social*: ser imutável, nascer e permanecer o mesmo; a inexistência de um devir. A tese aqui se aprofunda no problema que se transfigura ao campo da ciência, na medida que faz com que aqueles produtos da ciência, o próprio conhecimento, sejam dados fenomenicamente como investigações sobre a própria natureza imutável do ser, perdendo as características sociais que o envolvem. Assim, a ciência em sua relação consequente com a reificação torna seu objetivo ao método de representação daqueles objetos científicos, a partir de modelos conceituais cada vez mais específicos no decorrer do desenvolvimento científico, perdendo de vista o próprio ser, em um sentido ontológico. Em outras palavras, a ciência encontra modos de se intrinchar e resumir suas conclusões em seus próprios modelos conceituais, ao invés de tornarem sua preocupação ao que de fato a ciência está se referindo - isto é, a que ser realmente esta ciência está preocupada em produzir conhecimento sobre.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W. **Hegel**: three studies. Massachusetts: MIT Press, 1994.
- LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe**: estudos sobre dialética marxista. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda., 2018.
- LUKÁCS, György. **Para uma ontologia o ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013
- HONNETH, Axel. **Reification**: A new look at an old idea. Oxford University Press, 2007.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- MARX, K. **O capital: crítica à economia política**. Livro III. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, K. **O capital: crítica a economia política**. Livro I. Tomo I. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- NETTO, J. P. **Capitalismo e reificação**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.